

Terceira liña: As tres letras *ANN* preséntanse enlazadas de xeito confuso. O *L* está formado por dous trazos ligeiramente unidos. No caso en que se pensase que o trazo horizontal non formaba un *L* habería que leer *Ann (orum) X*; mais ficaría dito trazo sen funcion algunha.

Trátase, pois, de un epigrafe funerario de época romana, procedente da necrópoli castreja, que se utilizou, pasados os anos, na feitura de un muro moderno pra cuia adaptacion houbo de se romper a pedra.

As letras son de tamaño variabre. As mais grandes serían as das siglas *D.M.S.*, que estan incompretas. Das conservadas intactas, oscilan entre 6,25 centímetros de altura que ten o *R* na terceira liña, ata os 4,90 centímetros da *N* final da mesma liña. As demais están entre os 5 sen chegar aos 6 centímetros.

FERMIN BOUZA BREY
Santiago de Compostela

Nótulas sobre a Festa dos Reis

A Festa dos Reis, que teve grande nomeada e em muitas terras ainda continua a ter, celebra-se nos dias 6 e 7 de Janeiro.

Como é sobejamente conhecido um grupo de gente moça combina ir pedir os Reis e, depois que anoitece, eles aí vão de porta em porta cantando quadras laudatórias aos donos da casa e das suas pessoas de família. Muitas vezes as cantigas são acompanhadas por tocata.

Na Quinta de S. Pedro, pequenina aldeia anexa da freguesia de Meirinhos do concelho de Mogadouro, distrito de Bragança, durante muitos anos passei as férias do Natal. Ali temos alguns olivais e amendoeiras.

Era certo e sabido que todos os anos nos vinham cantar os Reis, especialmente na noite do dia 6, isto é, na véspera do dia de Reis.

Com as notas e apontamentos que ia colhendo darei notícia de algumas quadras que ali me cantaram à porta da minha casa.

Em 6 de Janeiro de 1963 vieram cantar os Reis uma meia dúzia de rapariguitas entre as quais três filhas de nossos serventuários. Começaram assim:

*Estamos aqui
Neste dia de Reis
A pedir licença
Para lhe cantar os Reis.*

Mantiveram-se caladas algum tempo, coisa talvez de meio minuto, depois do que a cantilena prosseguiu com quadras alusivas a mim e aos meus familiares.

*Viva lá o senhor Doutor
Raminho de laranjeira,
Inda anda neste mundo
Já no céu tem a cadeira.*

*Viva lá a senhora D. Judite
Raminho de salsa crua,
Quando vai para a igreja
Alumia toda a rua.*

*Viva lá o senhor Norberto
Casaquinho de veludo,
Quando vai pela rua abaixo
Logo imperfuma tudo.*

O remate foram mais duas quadras alusivas aos donos da casa

*Viva lá o senhor Doutor
Vestidinho de vermelho,
É o homem mais honrado
Que passeia no concelho.*

*Viva lá a senhora dona Judite
Nós não queremos ficar mal.
Vivam os senhores desta casa
Vivam todos em geral.*

As rapariguitas foram brindadas com figos e nozes.

Na mesma noite de 6 de Janeiro de 1963 um grupo de três rapazes veio cantar os Reis à nossa porta.

Os versos e a música foram diferentes.

*Bom dia (sic) senhor Doutor
Que bem lhe fica o chapéu,
Fica-lhe tão bem, tão bem!
Com'ós anjinhos do céu.*

*Arcanjos, arcanjos,
Além
Ao Deus Menino
Que nasceu em Belém.*

*Se nos querem dar os Reis
Não nos estejam a demorar,
Nós somos de longes terras,
Temos caminhos a andar.*

*Arcanjos, arcanjos,
Além
Ao Deus Menino
Que nasceu em Belém.*

Mandamos entrar os rapazes para lhe dar os Reis. Soubemos então que eram da Açoreira, aldeia do concelho de Moncorvo que fica por trás da Serra do Roboredo. Estavam com o pai em S. Pedro que ali estava a trabalhar de latoeiro.

Ao despedirem-se disseram:

«D'hoje em bem anos que nos torne a dar os Reis.»

No dia 6 de Janeiro de 1966 os Reis foram-nos cantados com nova modalidade. Às quadras cantadas foram as seguintes:

*Quem diremos nós que viva
Na folhinha do loureiro?
Viva lá o senhor Doutor
Que é um grande cavalheiro.*

*Quem diremos nós que viva
Na folhinha da oliveira?
Viva lá a senhora dona Judite
Que é uma grande cavalheira.*

*Quem diremos nós que viva
No grãozinho do arroz?
Viva lá o senhor Norberto
Por muitos anos anos e bôs.*

*Quem diremos nós que viva
Na folhinha do lodão?
Viva o Manuelzinho
Que é um grande cidadão.*

*Quem diremos nós que viva
Na còpinha do chapéu?
Viva lá o menino Jorginho
Que é um anjinho do céu.*

*Quem diremos nós que viva
No ramo de salsa crua?
Viva lá a menina Mizinha
Que alumia toda a rua.*

e a cantata terminou com a seguinte quadra:

*Quem diremos nós que viva
Na folha do laranjal?
Para nós não há diferença
Vivam todos em geral.*

Quer em S. Pedro quer em outras aldeias da freguesia de Meirinhos, e das freguesias vizinhas, é corrente iniciarem a cantilena dos Reis com a seguinte quadra:

*Quem vos vem cantar os Reis
De noite pelo escuro,
De certeza quer provar
Desse seu vinho maduro.*

Aliás quase sempre os cantantes dos Reis são convidados a entrar, sobretudo quando se trata de adultos e de pessoas amigas, e sempre se bebe uma pinga.

Na Quinta de S. Pedro quando cantam os Reis a uma casa e ali nada lhe dão, afastam-se e vão cantando:

*O sobreiro da calçada
Já não volta a dar bolotra
Venham-nos a dar os Reis
Senão defecamos-lhe à porta.*

Substituímos pela palavra erudita defecar o vocábulo, considerado soez, com que o povo, correntemente, refere a expulsão dos excrementos.

Em várias aldeias do leste trasmontano o grupo que vem pedir os Reis grita alto: «Cantaremos nós?» Ficam à espera. Se ninguém aparece cantam.

Se porém os donos da casa não estão na disposição de dar, mandam alguém à porta pôr o grupo a andar.

Então o grupo afasta-se e vai cantando alto:

*Cantamos e cantaremos,
Voltaremos a recantar.
Estes barbas de farelos
Não tem nada p'ra nos dar.*

No entanto, e por via de regra, todos dão, uns mais outros menos.

Instituto de Antropologia «Dr. Mendes Correia»
Faculdade de Ciências — Porto
Fevereiro de 1973

SANTOS JÚNIOR

Centro piloto de estudos de arte, etnografia e história

O Secretariado para a Juventude do Ministério da Educação Nacional, em boa hora resolveu organizar o I Encontro Nacional Juvenil de Etnografia, a decorrer no Porto, no Liceu de António Nobre, em 5, 6 e 7 de Janeiro do ano corrente.

Pena foi que o seu Presidente de Honra, o Dr. Fernando de Castro Pires de Lima, pelo seu inesperado falecimento, não tenha podido desempenhar o honroso cargo que justamente lhe fora conferido.

Foi pena que a nossa Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia não tenha podido prestar o seu concurso ao referido Encontro. A Sociedade Portuguesa de Antropologia, por impulso do meu saudoso Mestre, o prof. Mendes Correia, que foi fundador da Sociedade e seu ilustre Presidente, sempre amparou e publicou trabalhos de Etnografia, alguns dos quais, sem favor, se podem reputar de notáveis.

A Sociedade de Antropologia regista com aprazimento a organização de tal Encontro cujo programa foi o seguinte.

PROGRAMA GERAL DO I ENCONTRO NACIONAL JUVENIL DE ETNOGRAFIA

DIA 5 DE JANEIRO DE 1973 — sexta-feira

9,45 horas — SESSÃO INAUGURAL

INAUGURAÇÃO DA EXPOSIÇÃO GERAL DE ACTIVIDADES DO CENTRO E DA EXPOSIÇÃO DE ETNOGRAFIA

10,30 horas — I SESSÃO

«Introdução ao Estudo da Etnografia» — Alfredo Silva (Escola Comercial de Veiga Beirão)

11,00 horas — Intervalo

11,20 horas — II SESSÃO

Indústrias Populares

«A Olaria de Bisalhães» — Patrocínia Ramos — (CPEAEH)

«Cestaria algarvia» — Filomena Marques (CPEAEH)

«Polvorinhos e Cornas» — Carlos Vicente (CPEAEH)

Pesca

«Marcas Poveiras» — Rui Mendes (CPEAEH)

Agricultura

«O amanho do linho na Beira Alta» — Isabel Curto (Liceu D. Filipa de Lencastre)

12,30 horas — Almoço

14,30 horas — III SESSÃO

Agricultura (continuação)

«O linho — sua fição» — José Godinho Martins (CPEAEH)

«A ceifa do arroz na lezíria ribatejana» — Maria José Vitorino Gonçalves (CPEAEH)

«A apanha da azeitona no Alentejo» — Maria Garcia e Maria André Casação (CPEAEH)

«A desfolhada no Minho» — Cecília Couto (Liceu D. Filipa de Lencastre)

«A desfolhada beiroa» — Maria Clarinda Rocho (Liceu D. Filipa de Lencastre)

Arquitectura rural

«Casas Típicas Beirãs» — Sobral Valado (Pampilhosa da Serra) — Marília Alves (CPEAEH)

16,00 horas — Intervalo e merenda

16,30 horas — IV SESSÃO

Vida espiritual

«O presépio—sêcs. XVI, XVII e XVIII»—Francisco Brás (CPEAEH)

«Alguns 'ex-votos' existentes em Guimarães» — Maria Constança Paúl (Liceu D. Filipa de Lencastre)

«Procissão em Ladoeiro» — António S. Pedro e António Carvalho (Liceu Nacional de Castelo Branco)

«O Senhor de Matosinhos» — Maria Antónia Carvalho e Ana Paula Pinto (Escola Industrial e Comercial de Matosinhos)

«Costumes Religiosos da Beira Alta-Freixedas» — Miguel Nuno Saraiva (Liceu Normal D. Manuel II)

«Semana Santa-Válega» — Manuel Laranjeira Vaz — (Liceu Normal D. Manuel II)

Etnomedicina

«Etnomedicina regional» — Maria Adelaide Campos (Liceu Nacional de Guimarães)

«Magia na prevenção ou cura dos males» — Adriano Soares Pinto (Liceu Normal de D. Manuel II)

«Curas e rezas populares da região do Porto» — Altamiro Pereira (Liceu Normal de D. Manuel II)

18,30 horas — MÚSICA E CANTO

Grupo Folclórico da Escola Industrial e Comercial de Portimão
Grupos Corais do Liceu D. Filipa de Lencastre

20,00 horas — Jantar

22,00 horas — MÚSICA E TEATRO

Grupo Folclórico do Liceu D. Filipa de Lencastre
Grupo Dramático da Escola Industrial e Comercial de Vila Real — «Um Turista no Marão»
Grupo Folclórico da Escola Industrial e Comercial de Clara de Resende

DIA 6 DE JANEIRO DE 1973 — sábado

9,45 horas — V SESSÃO

Folclore

«Traje à Vianesa» — Maria Elisa Braga (Liceu D. Filipa de Lencastre)

«Cantares Populares do Concelho de Pampilhosa da Serra» — Maria Margarida Campos (CPEAEH)

«Figuras Típicas de Lisboa» — Maria José de Jesus e Ester Silva (CPEAEH)

Estudos Locais

«Monografia do Pego» — Regina Gil, Maria da Glória Rebelo e Maria Amélia Magalhães — (Liceu Nacional de Abrantes)

11,00 horas — Intervalo

11,20 horas — VI SESSÃO

Estudos Locais (continuação)

«Apontamentos sobre Ansião» — Maria Rosa Eusébio (Liceu D. Filipa de Lencastre)

«Ilha de Moçambique» — Luísa Moura (CPEAEH)

Meios de Transporte

«Veículos de tracção animal em Lisboa e Arredores, na década de 40» — João António Simões Filipe (CPEAEH)

Costumes e Tradições

«Ribeirinha (freguesia de Angra do Heroísmo): alguns costumes» — Maria Beatriz Pinto (Liceu D. Filipa de Lencastre)

12,30 horas — Almoço

14,30 horas — VII SESSÃO

Etnologia

«Os Bochimanes» — Ana Paula Laborinho (CPEAEH)

«Arte Popular e Artesanato Tradicional da Argentina» — Alberto Picco (CPEAEH)

«Etnografia Açoreana» — João Correia Branco (Escola do Magistério Primário de Ponta Delgada)

«Angola-Mucanda Cangongo: Ser Bantu é ser Homem!» — Ana Paula Assunção (CPEAEH)

16,00 horas — Merenda

16,30 horas — VIII SESSÃO

Etnologia (continuação)

«Etnologia dos Povos Negros de Angola» — Georgina Gonçalves (Liceu Nacional D. Maria II — Braga)

«Etnologia ou Antropologia Cultural» — Manuel Laranjeira Vaz (Liceu Normal de D. Manuel II)

«Arte indígena no Distrito da Zambézia» — Carlos Farinha (CPEAEH)

Vária

«A Iluminura como fonte etnográfica» — Carlos Vicente (CPEAEH)
Costumes e Tradições

«Lenda Timorense da criação do homem» — Maria Beatriz Ricarte (Liceu D. Filipa de Lencastre)

«A Matança do Porto na Beira Baixa» — Teresa Varela — (Liceu D. Filipa de Lencastre)

Pesca

«As redes do Norte de Portugal» — António Silva Santos (CPEAEH)

18,30 horas — MÚSICA E CANTO

Grupo Coral da Escola Industrial e Comercial de Beja

Grupo Folclórico do Liceu Nacional de Viana do Castelo

20,00 horas — Jantar

21,30 horas — SESSÃO DE CINEMA

Filme «Ala-Arriba»

DIA 7 DE JANEIRO DE 1973 — domingo

9,45 horas — IX SESSÃO

Costumes e Tradições (continuação)

«Superstições populares do Concelho de Vila Nova de Gaia — Defumadores — Esconjuros — Medicina mágica» — Carlos Farinha (CPEAEH)

- «Brinquedos Tradicionais» — Fátima Maria Pereira e Delfim Leite da Silva (Escola Industrial e Comercial de Matosinhos)
- «Vários apontamentos etnográficos colhidos na região de Chaves» — Augusto Afonso da Silva Campos (CPEAEH)
- «Usos e Costumes de Castro Laboreiro» — Luís Araújo de Brito (Liceu Normal de D. Manuel II)
- «Lendas» — Maria Fernanda Dias (Liceu D. Filipa de Lencastre)
- «Lendas das Sete Cidades» — Maria Filomena de Almeida (Liceu D. Filipa de Lencastre)
- «Uma Lenda das Sete Cidades» — Maria Teresa Oliveira

11,00 horas — Intervalo

11,20 horas — X SESSÃO

Costumes e Tradições (continuação)

- «Feira da Ladra» — Maria Adelaide Lança (CPEAEH)
- «Arouca e Lenda da Senhora da Mó» — Jorge Sousa (Liceu Normal de D. Manuel II)

Agricultura (continuação)

- «O Vinho na Etnografia Nacional e o Vinho Verde na Etnografia Minhota» — Vidal Fernandes Antão (CPEAEH)

Vária (continuação)

- «As Colectividades Regionalistas e a protecção ao espólio etnográfico nacional» — Carlos Vicente (CPEAEH)

Etnologia

- «Apontamentos sobre as Províncias das Beiras: a oliveira no Campo» — Maria Manuela de Sousa Mendes e Rui Manuel de Sousa (CPEAEH)

12,30 horas — Almoço

14,30 horas — SESSÃO DE ENCERRAMENTO

- 1) Grupo folclórico da Escola Industrial e Comercial de Ponta Delgada ou Grupo folclórico da Escola Industrial e Comercial de Portimão
- 2) Grupo Coral do Liceu Carolina Michaëlis
- 3) Visita à Exposição
- 4) Encerramento com a leitura das Conclusões do Encontro.

Esta Sessão será presidida por Sua Excelência o Senhor Secretário de Estado da Juventude e Desportos.

Pelos títulos dos trabalhos que figuravam no programa se pode bem ajuizar do grande interesse que deve ter revestido o Encontro.

Entre os 53 temas dos trabalhos anunciados, 5 trataram de assuntos respeitantes ao nosso Ultramar, de Angola, Moçambique e de Timor.

Aos organizadores deste Encontro são devidos louvores, bem como a Sua Excelência o Ministro da Educação Nacional que o patrocinou e lhe conferiu possibilidade de concretização.

S. J.

Singularidades etnográficas

A Cura da Dada

Dada nada mais é do que um mal num seio de mulher ou no úbere duma vaca quando em aleitamento, devido a um súbito ingurgitamento local que há-de provocar fortíssimas dores, ao mesmo tempo que paralisa a função de qualquer deles. O caso que vamos referir tem de ter a sua história para de certo modo lhe dar ambiente, que não deixa de merecer interesse, senão mesmo curiosidade.

O meu amigo Teófilo, que é um trolha dos antigos, andava no arranjo dum telhado, que metia água, na serrana povoação de Regoufe (Arouca), quando a mulher da casa veio anunciar ao marido que «a vaca não comia nem dava leite e não sabia o que ela tinha».

Como no caso estava comprometido o úbere do animal, logo o nosso avisado trolha interveio para dizer que o que ela tinha era uma dada, que se tornava necessário atalhar quanto antes.

Como havia de ser, inquiriu o dono da casa, se por ali não havia ninguém que soubesse tratar o mal do animal? — Então, mestre Teófilo logo se ofereceu para lhe dar remédio — atalhar tal doença, e aceite a sua generosa oferta, logo pediu que se lhe arranjasse um pente e uma bacia ou tigela com água e nesta uns fiozitos de azeite, que prontamente foram fornecidos.